

# IMAGENS DE FEMININO E MASCULINO PELO JOGO SÍMBOLOS DO INCONSCIENTE EM MULHERES LÍDERES DE CÍRCULOS SAGRADOS

IMAGES OF FEMALE AND MALE THROUGH THE GAME SYMBOLS OF THE  
UNCONSCIOUS IN WOMEN LEADERS OF SACRED CIRCLES

IMÁGENES DE FEMENINO Y MASCULINO A TRAVÉS DEL JUEGO DE SÍMBOLOS  
DEL INCONSCIENTE EN MUJERES LÍDERES DE CÍRCULOS SAGRADOS

## Clarissa De Franco

- Psicóloga junguiana e Professora Titular dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde e em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Doutora em Psicologia e em Ciências da Religião, com Pós-Doutorado em Estudos de Gênero.
- E-mail: clarissadefranco@hotmail.com

## Renata Canal

- Psicóloga clínica junguiana, Mestranda em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo; com Especialização em Psicoterapia Junguiana pela Unip; Aprimoramento em Infância e Adolescência pela PUC/SP.
- E-mail: renatacanalpsi@gmail.com.

## Claudia Antunes Morais

- Psicanalista. Mestranda em Psicologia da Saúde pela UMESP. Pós-Graduada em Filosofia Existencialista, Psicologia Jurídica e Forense, Psicanálise e Neuropsicanálise. Graduada em Direito. Graduada em Psicologia, Filosofia e História.
- E-mail: claudiamorais@gmail.com

## RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar, a partir dos referenciais da Psicologia Analítica, imagens arquetípicas femininas e masculinas de mulheres líderes de Círculos Sagrados femininos. A pesquisa traz revisões conceituais entre Psicologia pós-junguiana e gênero. A metodologia envolveu a aplicação do jogo Símbolos do Inconsciente – uma ferramenta baseada em conceitos junguianos (Franco, 2024b) –, em oito mulheres líderes de Círculos Sagrados Femininos. Para as análises, utilizamos a abordagem conhecida como Análise Temática (Braun, Clarke, 2006; 2013). Os resultados destacaram dez categorias de imagens arquetípicas relacionadas ao feminino e ao masculino, algumas das quais abordam o feminino associado a Eros e o masculino associado a Logos; a mulher como potência geradora e criadora, o feminino associado à sororidade; o Sagrado Feminino associado ao corpo e à natureza, entre outras.

**Palavras-chave:** Círculos Sagrados; Mulheres; Animus e Anima; Símbolos do Inconsciente.

## ABSTRACT

The article aims to analyze, based on Analytical Psychology references, feminine and masculine archetypal images of women leaders of female Sacred Circles. The research brings conceptual reviews between Post-Jungian Psychology and gender. The methodology involved applying the game Symbols of the Unconscious – a tool based on Jungian concepts (Franco, 2024b) – to eight women leaders of Sacred Female Circles. For the analyses, we used the approach known as Thematic Analysis (Braun, Clarke, 2006; 2013). The results highlighted ten categories of archetypal images related to the feminine and masculine, some of which address the feminine associated with Eros and the masculine associated with Logos; the woman as a generative and creative power, the feminine associated with sisterhood; the Sacred Feminine associated with the body and nature, among others.

**Keywords:** Sacred Circles; Women; Animus and Anima; Symbols of the Unconscious.

## RESUMEN

El artículo tiene como objetivo analizar, a partir de referencias de la Psicología Analítica, imágenes arquetípicas femeninas y masculinas de mujeres líderes de Círculos Sagrados femeninos. La investigación trae revisiones conceptuales entre la Psicología Postjunguiana y el género. La metodología consistió en aplicar el juego Símbolos del Inconsciente –una herramienta basada en conceptos junguianos (Franco, 2024b)– a ocho mujeres líderes de Círculos Sagrados Femeninos. Para los análisis utilizamos el enfoque conocido como Análisis Temático (Braun, Clarke, 2006; 2013). Los resultados resaltaron diez categorías de imágenes arquetípicas relacionadas con lo femenino y lo masculino, algunas de las cuales abordan lo femenino asociado con Eros y lo masculino asociado con Logos; la mujer como poder generativo y creativo, lo femenino asociado a la sororidad; el Sagrado Femenino asociado al cuerpo y la naturaleza, entre otros.

**Palabras clave:** Círculos Sagrados; Mujeres; Animus y Anima; Símbolos del Inconsciente.

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa se insere em um campo de articulações entre a Psicologia Analítica e os Estudos de Gênero, voltado aos debates ligados às epistemologias feministas, dentro dos quais se inserem outros artigos anteriores de autoria nossa (Franco, 2024a; 2022a; 2022b; 2022c; Franco; Maranhão, 2019). Um segundo esforço de articulações do texto refere-se à metodologia que utiliza uma ferramenta com certo ineditismo no campo junguiano: o jogo Símbolos do Inconsciente, desenvolvido com base em fundamentos da Psicologia Analítica e validado em pesquisa de Pós-Doutorado em Psicologia Clínica como técnica para uso na prática clínica junguiana (Franco, 2024a; 2024b; Franco, Cipriano, Canal, Domingues, 2024; Franco, Faria, Cipriano, Canal, Domingues, 2025, no prelo).

O artigo tem como objetivo principal analisar, à luz da Psicologia Analítica, imagens arquetípicas femininas e masculinas de oito mulheres líderes de Círculos Sagrados femininos. O instrumento de pesquisa utilizado foi o jogo Símbolos do Inconsciente, que utiliza conceitos como amplificação simbólica, imaginação ativa, fases alquímicas, entre O jogo tem como objetivo promover ampliação de consciência sobre um tema de vida livre escolhido para ser abordado durante a sessão, fazendo emergir conteúdos inconscientes e perspectivas de direções internas

Metodologicamente, o estudo partiu de uma pesquisa maior, realizada com quarenta terapeutas de abordagem junguiana com sessões de aplicação do jogo Símbolos do Inconsciente, da qual foram selecionadas oito mulheres líderes de Círculos Sagrados femininos para compor nosso grupo de participantes. A pesquisa “guarda-chuva” obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Metodista de São Paulo (CAAE: 80328824.5.0000.5508). Para as análises utilizamos o conceito de Análise Temática proposta pelas pesquisadoras Virginia Braun e Victoria Clarke (2006; 2013).

Dividimos este texto em quatro seções, além desta Introdução e das Considerações Finais e Referências. A primeira seção aborda a conceituação de Círculos Sagrados em debate com a Psicologia Analítica. Em seguida, discutimos

gênero e as revisões conceituais que a Psicologia pós-junguiana acrescenta ao debate sobre animus e anima. O terceiro tópico apresenta a metodologia do estudo e as categorias de imagens arquetípicas femininas e masculinas que selecionamos a partir da análise temática. Por último, a quarta seção descreve e apresenta os resultados coletados no campo acompanhados das discussões e análises.

## **CÍRCULOS SAGRADOS E PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Daniela Cordovil (2015) indicou que, com o movimento da chamada Nova Era e com os avanços dos debates e da conscientização feminista, a humanidade passou a identificar a mentalidade patriarcal como “predadora do meio ambiente e dos demais grupos humanos” (p. 432). E a partir desta perspectiva, abriu-se espaço para um “resgate do feminino como elemento primordial da conexão com o sagrado” (p. 432), ressaltando aspectos como possíveis conexões entre o corpo da mulher com os ciclos da natureza, em especial as estações do ano e as fases da lua.

Nesse sentido, mesmo reconhecendo tensões entre movimentos feministas de cunho mais evidentemente político e os grupos de exaltação de aspectos femininos pela via da espiritualidade dos círculos sagrados (Franco, 2022c), ambos os movimentos se enquadram em perspectivas recentes de revisões dos patamares das relações de poder de gênero na sociedade.

De acordo com Faur (2021), Círculos Sagrados referem-se a um movimento coletivo que promove diálogos e práticas de cuidado e empoderamento, resgate e reconexão com a essência feminina, além de reconhecimento da ancestralidade. A autora assume que nos círculos, essas mulheres se fortalecem e contribuem para a integração do círculo que ganha uma energia própria, com características específicas; ao ampliarem essa energia com sua participação, elas expandem o seu eu. “Participando, em conjunto, dos círculos, as mulheres reconhecem e usam melhor seu potencial e suas habilidades, além de vivenciarem a livre expressão de pensamentos e emoções e reconhecerem com mais confiança e segurança a sua

própria voz interior” (Faur, 2021, p. 53).

A sacralidade do feminino e de seus ciclos aponta para uma busca de empoderamento e conscientização das mulheres sobre si mesmas, seus ciclos corporais, seu papel na história com figuras femininas de referência, as características que lhes (nos) seriam comuns e partilhadas. Nesse contexto, representações de distintas tradições mitológicas, religiosas, filosóficas e culturais, além de figuras históricas, são resgatadas e colocadas lado a lado, como forma de gerar referências femininas atemporais. (Franco, Maranhão, 2019, p. 132).

No entanto, observamos em estudo anterior (Franco; Maranhão, 2019) que muitos Círculos Sagrados, tanto masculinos quanto femininos, fazem uso de elementos e conceitos da Psicologia Analítica, como arquétipos, animus e anima, inconsciente coletivo, e em algumas situações, tais conceitos são utilizados de forma superficial, estereotipada ou até mesmo equivocada.

O feminino e a feminilidade em muitos Círculos Sagrados de Mulheres são associados aos “mistérios do feminino, como a menarca, a gravidez e a menopausa” (Cordovil, 2015, p. 432) e são reconhecidos por meio de características que podem reforçar essencialismos de gênero, como receptividade, passividade, cuidado, intuição, subjetividade (Franco, Maranhão, 2019). Muitas críticas têm sido feitas a este tipo de abordagem, tanto por conta da utilização de figuras arquetípicas ligadas a mitologias que não têm conexão direta com a experiência das mulheres atualmente (Stoupas, 2015), quanto em função da literalização de determinadas imagens, como se estas fossem o próprio arquétipo. A pesquisadora Leslie Stoupas (2015, p. 76-77) aponta:

O feminino nessa nova modalidade começou a tomar isso como veneração, tomando esses caminhos como a reemergência das Grandes Deusas mitológicas no século XXI, mas também uma veneração do arquétipo do feminino por si só. Em algum grau, isso permite uma abertura para uma literalização através das imagens. Por conta das imagens de mulheres

serem geralmente usadas para representar o feminino, o feminino arquetípico e as mulheres tornam-se misturadas mais uma vez. (Stoupas, 2015, p. 76-77).

De Sá e Deola (2019, p. 15) analisam que estas “confusões” são geradas pela “personificação literal no entendimento da dinâmica psíquica relacionada ao princípio de complementariedade”, ou seja, “uma tentativa de objetivar tecnicamente a anima e o animus”. A personificação da anima e do animus por meio das imagens e figuras arquetípicas é didática e circunstancial e não pode ser confundida com o arquétipo em si.

## **REVISÕES EPISTEMOLÓGICAS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA PARA O DEBATE DE GÊNERO: OS ARQUÉTIPOS DE ANIMA E ANIMUS**

Na Psicologia Junguiana ou Analítica, arquétipos são formas ou padrões universais que emergem do inconsciente coletivo. Eles são estruturas primordiais que influenciam pensamentos, sentimentos e comportamentos humanos. Jung acreditava que esses arquétipos são comuns a todas as culturas e tempos, expressando-se em mitos, contos de fadas, sonhos, imagens e comportamentos humanos. Para Silveira (1981), arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, formas instintivas de imaginar, conjuntos de potências que fazem parte de todos os indivíduos, regentes de etapas da vida.

É importante compreendermos que arquétipos não se apresentam de forma estática ou fixa, como um modelo pronto, mas sim que as imagens que compõem os arquétipos estão em constante reformulação na experiência humana. Isso significa que ao buscar referências sobre um tema arquetípico, é necessário tanto recorrer a tradições antigas e distantes temporal e espacialmente, quanto a eventos presentes na cultura contemporânea, como memes e outras formas de compartilhamento de imagens e ideias. “Os arquétipos são os elementos inabaláveis do inconsciente, mas mudam constantemente de forma (...) sempre exigem novas interpretações”. (Jung, 2000, pág. 179).

Há que se reconhecer que um arquétipo não é acessível de forma direta para a experiência humana. Somente podemos nos aproximar do conteúdo de um arquétipo por meio das imagens arquetípicas, que são vias de acesso ou facetas de representação de um arquétipo por meio de formas mutáveis presentes nas diferentes culturas e épocas. Nosso foco é trabalhar principalmente com as imagens ligadas aos arquétipos de animus e anima.

Observamos que as concepções iniciais de Jung sobre animus e anima refletiram sua época e acabaram por atribuir à feminilidade e masculinidade noções que reforçaram estereótipos, essencialismos e binarismos de gênero, como associar feminino à subjetividade, emoções e intuição, e o masculino com racionalidade, lógica e objetividade, reforçando um pensamento dicotômico sobre Eros e Logos (Franco, Maranhão, 2019; Young-Eisendrath, 2002).

No entanto, as fases mais maduras da produção junguiana (Jung, 2013), bem como as revisões pós-junguianas (Rowland, 2024; Samuels, 1985; 1992; Franco, Maranhão, 2019; Franco, 2024a, De Sá, Deola, 2019) indicam que essa teoria está, ao contrário do que se supõe, “afinada com as proposições críticas aos binarismos de gênero, já que postula uma psique andrógina e uma subversão das polaridades de gênero” (Franco, Maranhão, 2019, p. 130). Ressaltamos que a visão da Psicologia Analítica foca-se nas perspectivas de complementaridade e não de dicotomia.

Consideramos que os conceitos de anima e animus, comumente associados a determinadas características do “ser mulher” e do “ser homem” ou à feminilidade e masculinidade, estão sendo usados muitas vezes de modo equivocado, em especial quando vinculam a temática de gênero a figuras estáticas. O uso popular da teoria arquetípica de Jung transformou a perspectiva dos arquétipos em uma matéria de direção unicamente essencialista, quando sua teoria aponta para outros parâmetros.

Lembramos que Jung pesquisou muitas fontes de estudo para além da lógica da Europa ocidental do século XX. A concepção de energias complementares na Psicologia Analítica baseia-se em elementos da perspectiva oriental, na qual a diferença é parte do

todo. (Jung, 2011b). “A lógica oriental privilegia o “é” (um e outro, formando o todo), enquanto a lógica ocidental prioriza o “ou” (um ou outro, em que conseqüentemente existe a exclusão binária de uma das partes em desvantagem de poder)” (Franco, 2024a). Em outras palavras, o pensamento ocidental trabalha com lógicas que produzem exclusões. Já a Psicologia Analítica, em sua dimensão de opostos complementares, é herdeira de filosofias que consideram a complementaridade e a integração.

Nesse sentido, animus e anima, como um par complementar na psique – assim como outros pares (ego/self, sombra/persona) – evoca a lógica de integração, em que as energias, enquanto potências arquetípicas manifestam-se de diversas formas e, na tarefa da individuação, cada ser vai constituindo seu caminho de integração entre masculino e feminino a seu modo. Isso significa que a psique contém em sua potência uma androginia em termos sexuais e de gênero.

Jung postula, de fato, uma psique híbrida, em que animus e anima estariam presentes como energias e representações do masculino e do feminino sem um conteúdo definido em todos os seres humanos, atuando de forma complementar no dinamismo da psique. (...) Esse caminho integrador coloca os conceitos de animus e anima como polaridades energéticas complementares na psique, que teriam como finalidade primordial a produção de uma síntese simbólica e psicológica, conhecida como Coniunctio, união alquímica, ou “casamento sagrado”. A sígizia ou par de opostos é vivenciada com base na ideia de integralidade. (Franco, Maranhão, 2019, p. 141).

Para a Psicologia junguiana, portanto, a psique andrógina é a base e, ao mesmo tempo, a meta da consciência, o que libera as vivências de gênero e sexualidade para existirem de diferentes maneiras.

Sabes quanta feminilidade falta ao homem para seu aperfeiçoamento?  
Sabes quanta masculinidade falta à mulher para seu aperfeiçoamento? Vós procurais o feminino na mulher e o masculino no homem. E assim há

sempre apenas homens e mulheres. Mas onde estão as pessoas? (...) a pessoa é masculina e feminina, não é só homem ou mulher. De tua alma não sabes dizer de que gênero ela é. (Jung, 2013, p.203)

Carlos Byington (2002, p. 26) considera o par complementar da anima e animus como arquétipos da alteridade e do reconhecimento do “outro”. Já o pesquisador Andrew Samuels (1992) sugere que animus e anima podem ser tratados, não como opostos, mas como energias diferentes. É preciso revisitar a teoria junguiana para aplicá-la adequadamente em relação aos arquétipos de animus e anima. O papel da polaridades na psique, diferentemente do que eventualmente é afirmado, não deve ser compreendido como matéria essencialista e binária.

Para finalizar este item, lembramos que existem compreensões de fases do desenvolvimento da anima e do animus. Hillman (1985) explica as fases de Eva (dimensão biológica e instintiva da mulher), Helena (dimensão romântica e sensual da mulher) Maria (dimensão devocional da mulher) e Sofia (dimensão de sabedoria). Tais níveis de desenvolvimento também acompanham outras imagens arquetípicas da anima, como as facetas da menina, da donzela, da mãe e da anciã, as quais são utilizadas dentro dos Círculos Sagrados comumente associadas às fases da Lua. Menina ou Criança: fase nova, início dos projetos; Donzela: fase crescente, investimento nos sonhos, feminino pronto a desabrochar e descobrir sua potência; Mãe: fase cheia, realizações; Anciã: fase minguante, de recolhimento e análises do vivido (Mesquita, Paiva, 2023).

Marie Louise Von Franz (1978, p. 205-206) lembra as fases do desenvolvimento do animus, que passam pela dimensão de poder físico, força, músculo (Tarzã, atleta, caçador), dimensão romântica do herói de ação (Páris ou Capitão América), dimensão do masculino com dom da palavra, professor, orador ou clérigo (Professor, *La Casa de Papel*), e homem como sábio ou guia espiritual (Hermes).

Nos círculos sagrados, por se tratar de um espaço de autoconhecimento, colaboração e empoderamento, os arquétipos de anima e animus podem emergir, pois, neles, as

participantes têm a oportunidade de integrar e harmonizar essas energias. Essa integração é essencial para fortalecer a identidade feminina e a conexão com o sagrado feminino.

## **METODOLOGIA**

### ***Tipo de pesquisa***

O estudo tem natureza qualitativa e procurou compreender o fenômeno estudado em profundidade. A presente investigação fez parte de uma pesquisa “guarda-chuva” que envolveu a aplicação do jogo Símbolos do Inconsciente em quarenta terapeutas de abordagem junguiana. Dentre os/as quarenta terapeutas, selecionamos oito mulheres que declararam ser também líderes de Círculos Sagrados Femininos e passaram pelos procedimentos de aplicação do jogo em uma sessão em formato online com duração de aproximadamente uma hora e meia a duas horas. Para a avaliação dos resultados da pesquisa “guarda-chuva” indicamos as publicações (Franco, 2024b; Franco, Faria, Cipriano, Canal, Domingues, No prelo).

### ***Abordagens metodológicas utilizadas: Amplificação, Imaginação Ativa e Análise Temática***

Este estudo utilizou uma abordagem metodológica que envolveu conceitos da Psicologia Analítica, como os métodos da Amplificação Simbólica e da Imaginação Ativa (Jung, 2000; 2013) no momento de aplicação do instrumento de pesquisa (jogo junguiano Símbolos do Inconsciente), juntamente com uma abordagem conhecida como Análise Temática (Braun, Clarke, 2006; 2013) para o momento das análises dos resultados.

Basicamente, a Amplificação Simbólica e a Imaginação Ativa são métodos complementares, utilizados fortemente na abordagem dos estudos dos sonhos. Na Amplificação, expande-se o significado de um símbolo ou imagem com a utilização de paralelos míticos, históricos e culturais (Samuels, 1989), conectando o indivíduo a um coletivo simbólico arquetípico (Jung, 1999). Já a Imaginação Ativa, segundo Jung (1984), envolve o desenvolvimento de imagens oníricas por meio de atividades

criativas como desenho, modelagem, dramatização e pintura, promovendo uma interação entre o inconsciente e o estado de vigília.

A Análise Temática, proposta pelas pesquisadoras Braun e Clarke (2006), é utilizada de muitas maneiras dentro de pesquisas qualitativas das Ciências Sociais e Psicologia. Possui semelhanças com outros procedimentos tradicionalmente adotados em análises qualitativas. Souza (2019) destaca que a Análise Temática pode ou não partir de uma estrutura pronta de categorias ou temas, cabendo tanto em métodos dedutivos, quanto indutivos. Em nosso trabalho, a construção das categorias se deu por meio de uma combinação entre os conceitos levantados na revisão bibliográfica dos Círculos Sagrados e dos Estudos de Gênero na Psicologia Analítica, quanto dados que vieram da própria coleta de campo da sessão de jogo com as mulheres líderes de Círculos Sagrados.

### *Participantes e Seleção*

A seleção das oito mulheres líderes de Círculos Sagrados Femininos, que também são terapeutas de abordagem junguiana e concordaram com os termos da pesquisa, ocorreu por meio de uma pesquisa maior, que chamamos de “guarda-chuva”, ou seja, que abriga outras investigações. Utilizamos como forma de seleção, o método conhecido como Bola de Neve. Partimos para a pesquisa inicial de uma seleção bastante diversificada de grupos de WhatsApp de quarenta terapeutas junguianas/os, com diferentes regiões do país e variados locais de Formação como analista, e que foram indicando outros/as terapeutas de mesmo perfil. A partir dessa primeira seleção, identificamos mulheres que também eram líderes de Círculos Sagrados femininos.

### *Procedimentos*

**1ª. Etapa:** Levantamento bibliográfico. **2ª. Etapa:** Submissão do projeto ao Comitê de Ética. **3ª. Etapa:** Seleção das quarenta pessoas participantes da pesquisa “guarda-chuva”. **4ª. Etapa:** Assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. **5ª. Etapa:** Sessão online, via Plataforma Google Meet, com duração aproximada de uma hora e meia com aplicação do jogo Símbolos do Inconsciente. A sessão com o

jogo consistiu com três grandes momentos, sendo que o primeiro envolveu a -escolha do tema de vida para o qual se busca orientação da ferramenta. No caso de nosso estudo, que veio de uma pesquisa “guarda-chuva”, os temas foram escolhidos pelas participantes livremente. O segundo grande momento das sessões envolveu o sorteio e interpretação de três cartas do jogo a partir de um roteiro guiado com passos: H: criar uma história, DS: desenhar o que a cena inspirou, EPCH: Emoções e Palavras-chave, T: Título, P: Personagens, D: Desfecho, FA: Fase Alquímica, S: Símbolo, e RTV: Relação com o Tema de Vida. Finalmente, foi realizada a síntese de interpretação das cartas e obteve-se a “resposta” para o tema de vida escolhido inicialmente. Ressaltamos, portanto, que o tema de vida não esteve diretamente ou necessariamente vinculado a questões do feminino e do masculino. **6ª. Etapa:** Seleção das oito mulheres líderes dos Círculos Sagrados. **7ª. Etapa:** Análise temática. **8ª. Etapa:** Elaboração do artigo final.

### *Instrumento de pesquisa*

Foi utilizado como instrumento de pesquisa o jogo terapêutico junguiano Símbolos do Inconsciente para as sessões individuais. Conforme brevemente apresentado, o jogo Símbolos do Inconsciente, criado em 2022, visa ampliar a consciência sobre temas de vida e inclui três tipos de cartas (Imagem, Narrativa e Zona de Sombra), baseadas em níveis de integração da sombra e fases alquímicas (Edinger, 1990). Além das cartas, o jogo possui um Livro dos Símbolos, criado para o jogo com base em dicionários de símbolos especializados, o Livro do Jogo, com instruções de procedimentos, fundamentação e relatos de pesquisa, um tabuleiro, um dado personalizado, quatorze fichas e um Roteiro de Interpretação das Cartas. Este roteiro foi inspirado em estudos de sonhos (Gallbach, 2000). Para mais informações, indicamos o Livro do Jogo (Franco, 2024b) e o site: [simbolosdoinconsciente.com.br](http://simbolosdoinconsciente.com.br).

### *Categorias das Análises Temáticas*

*Imagens arquetípicas do Feminino associado a Eros (emoção, intuição, passionalidade, irracionalidade, afetos).*

Nessa categoria, apoiamo-nos em aspectos da Psicologia Analítica que remetem à visão de Platão em *O Banquete* (2017), em que Eros está ligado à paixão, ao desejo, ao amor como força vital que eleva a alma. Jung (2005) associava o feminino a Eros, deus do amor. Nesse contexto, o feminino se conecta aos aspectos emocionais, relacionais, instintivos, profundos, intuitivos e irracionais. Eros envolve a natureza erótica e afetiva da psique, ligada à dimensão anímica. Brandão (2014, p. 213) afirma: “Eros é uma força, (...) uma “energia”, perpetuamente insatisfeita e inquieta: uma carência sempre em busca de uma plenitude. Um sujeito em busca do objeto”. Já Alcântara (2018) indica que Eros é responsável por construir pontes, “promover o cultivo da alma” e “nos humanizar”. (Amanda Alcântara, 2018, p. 10-11). Ao associar Eros ao feminino, parte dos estereótipos de gênero podem ser reforçados, já que o feminino em geral tem sido identificado com desequilíbrio emocional, “loucura”.

### ***Imagens arquetípicas do Masculino associado a Logos***

De forma complementar à associação de Eros ao feminino, Jung (2005) compara o masculino a Logos, que pode ser compreendido razão, intelectualidade, palavra, discurso, objetividade, lógica e como ele mesmo aponta, com “interesse material” (Jung, 2005, p. 34). Há que se considerar que a sociedade ocidental tem valorizado Logos em detrimento de Eros, e, nesse sentido, a masculinidade associada a Logos atribui ao feminino um lugar inferiorizado e de menor relevância social e pública. Além dessa fratura nas relações de gênero, o pensador Leonardo Boff chama atenção para outras problemáticas ligadas a essa divisão:

A razão tornou-se cada vez mais antagônica àquelas dimensões da vida menos produtivas, mas mais receptivas. O Logos recalcou o Eros e o Pathos, os valores do contato direto, da intimidade e da afetividade, da criatividade e da fantasia, da simplicidade e da espontaneidade. (BOFF, 1991, p. 22)

O masculino Logos, portanto, torna-se associado à vida prática e produtiva, não oferecendo espaço para a vida profunda, das conexões, dos afetos e da alma.

### ***Imagens arquetípicas do Masculino associado à agressividade, competitividade e iniciativa***

Essa categoria refere-se à fase inicial do desenvolvimento do animus, conforme apontada por Marie Louise Von Franz (1978), em que o homem com atributos físicos ligados à virilidade: força, músculos, acaba por caracterizar o masculino a partir de sua força bruta, podendo associá-lo a demonstrações dessa força por meio da agressividade, competitividade e violência. Associamos este tema/categoria às masculinidades hegemônicas, que compartilham do ideal de virilidade que em geral não permite a falha nem a derrota e acaba por se afirmar diante do exercício de poderes físicos ou simbólicos (Bourdieu, 2002). Tais demonstrações de poder impelem o homem a impor seu lugar, a disputar e dominar os territórios por onde passa.

### ***Imagens arquetípicas do Feminino associado à passividade, dependência e vulnerabilidade***

De forma pendular e complementar à categoria anterior, quando o masculino ocupa o lugar da disputa e da agressividade, o feminino molda-se a posições mais passivas, adaptativas, que em geral conduzem ou podem conduzir a diversas formas de dependência e vulnerabilidade. Nessa categoria, algumas imagens arquetípicas e conceitos sobre a alma podem reforçar aspectos simbólicos ligados à passividade, dependência e vulnerabilidade das mulheres, como a figura da donzela que pode ser interpretada como a mulher “pura” em busca de um amor, a imagem das “mulheres que amam demais”, e ainda o atributo da alma como o “passivo”, em oposição ao “ativo” masculino. Tais noções estereotipadas acabam por reforçar binarismos de gênero, como já apresentado. Nesse sentido, esta categoria identifica se e como estas mulheres líderes de outras mulheres e que falam em empoderamento também acabam por reforçar tais estereótipos de gênero de dependência.

Imagens arquetípicas do Feminino como potência geradora e criadora (grávida, lua cheia, capaz de gerar vida por si mesma).

Este tema foi encontrado nos dados de pesquisa, e revelam a compreensão do feminino como potência de criar, gerar, nutrir, expandir. Algumas imagens arquetípicas fazem referência a este simbolismo, como a da Grande Mãe, de figuras como a deusa Deméter, a Pachamama, a perspectiva da Lua Cheia presente nos Círculos Sagrados, entre outras. Aqui, a mulher está em sua capacidade plena de criar, empoderada.

### ***Imagens arquetípicas do masculino associado à negligência e abandono***

O masculino que abandona e negligencia seus compromissos e vínculos é uma figura também presente no inconsciente coletivo. A lenda brasileira do Boto Cor de Rosa revela, em sua forma humana, um jovem galanteador vestido com chapéu branco, que conquista as mulheres ribeirinhas, abandonando-as ao amanhecer, ao voltar à sua forma original de boto. Algumas lendas acrescentam a perspectiva de mulheres que ficam grávidas do Boto, abandonadas com um bebê e sem perspectiva material e de suporte emocional.

### ***Imagens arquetípicas do Feminino associado à sororidade e solidariedade***

Sororidade é um conceito ligado aos movimentos feministas. Conforme indica Evelyn Fernandes (2021, p. 3):

A sororidade é um pacto político de gênero entre mulheres que, reconhecendo-se como interlocutoras, são fiéis a si mesmas e às outras mulheres, sem hierarquia. (...) numa dimensão ética e política, tornou-se um tema e uma prática do feminismo contemporâneo. (...) essa palavra pode ser definida pela relação de amizade criada com a intenção de se opor à (suposta) rivalidade existente entre mulheres, incentivada – e naturalizada – pelo sistema patriarcal.

A sororidade aparece nessa pesquisa por meio de imagens ligadas a ações e intenções solidárias, empáticas e inclusivas de mulheres para com outras mulheres

e que estabelecem um contraponto à masculinidade patriarcal e hegemônica, de natureza competitiva, de disputa, controle, agressividade e territorialidade.

### ***Imagens arquetípicas do Sagrado Feminino associado ao corpo e à conexão com a natureza***

O Sagrado Feminino cultuado nos Círculos Sagrados de mulheres envolve a valorização de ciclos corporais e partes do corpo, como o útero, a gravidez, a menstruação (Cordovil, 2015). O corpo da mulher, nesse sentido, é resgatado como um templo conectado à natureza e aos seus ciclos, promovendo um aspecto de empoderamento e de conscientização da mulher sobre elementos que reforçam o aspecto criador e gerador do arquétipo da mãe. Há que se considerar que existem críticas a esta relação estabelecida nos Círculos entre corpo da mulher e sacralização (Franco, Maranhão, 2019), já que tal relação pode acabar por excluir mulheres trans, por exemplo, mulheres que não têm útero, que não menstruam, que não podem ou não querem engravidar, mulheres com pênis.

### ***Imagens Arquetípicas do Feminino e/ou Masculino associados à espiritualidade (ação ligada à espiritualidade, propósito maior, aspectos numinosos)***

Esta categoria está relacionada a imagens e perspectivas que acessam o lado “numinoso” da psique. Para abordar a dimensão numinosa da psique, Jung apoiou-se em em Rudolf Otto (2007), que emprestou o termo *numen* do latim, que significa “poder divino”. Otto observou as reações afetivas das pessoas frente ao sagrado, ou numinoso, que segundo ele manifesta-se por meio do *mysterium tremendum et fascinans* (*mistério terrível ou tremendo e fascinante*). O numinoso refere-se a algo, portanto, misterioso e desconhecido, que se destaca em relação às experiências comuns. Para Jung, a psique constrói imagens religiosas, reconectando-nos à origem humana, que seria transcendente (Carl Jung, 2012). Nesse sentido, a dimensão

espiritual é acessada por meio do contato com imagens numinosas do vasto repertório do inconsciente coletivo e pelo desenvolvimento do eixo ego-self.

***Imagens arquetípicas indicativas de Coniunctio, integração de animus e anima, integração de polos complementares, casamento sagrado.***

Na Psicologia Analítica, Coniunctio é uma operação alquímica que pode produzir o que é chamado de Pedra Filosofal, que simboliza o ápice da tarefa de integrar matéria e espírito, após um árduo e sagrado trabalho conhecido como opus. Na Alquimia, tudo começa pela prima matéria, que é caótica e indiferenciada, estruturada em torno dos quatro elementos (fogo, terra, ar e água). Os processos alquímicos vão promovendo a diferenciação destes elementos até que seja possível uma integração novamente em um estado transformado. De forma análoga, na consciência, o processo de individuação nos leva a nos diferenciar dos outros seres e a encontrar a nossa Pedra Filosofal: a integração entre consciente e inconsciente. (Edinger,1990). Coniunctio consiste em integrar matéria e espírito, aspectos inferiores e superiores, masculino e feminino. A chamada “união de opostos” é uma síntese, o casamento alquímico, que sintetiza todo o trabalho para elaborar seus processos. A fase alquímica da Coniunctio envolve integrar os aprendizados realizados, finalizando o ciclo específico com gratidão.

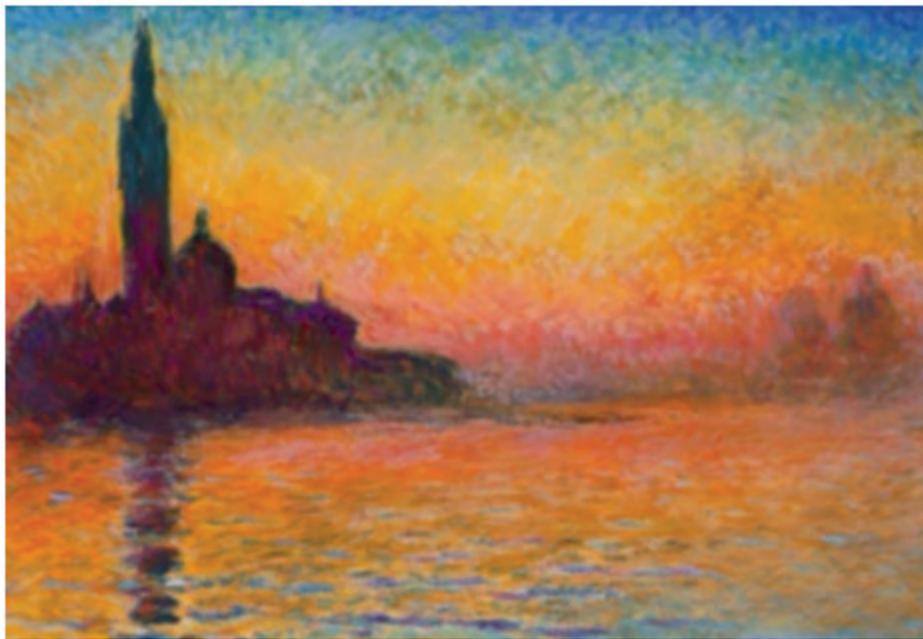
## **RESULTADOS, ANÁLISES E DISCUSSÕES**

Primeiramente, vamos apresentar a transcrição dos dados de sessão de uma participante para facilitar a compreensão do funcionamento do jogo e da coleta de dados.

### ***Participante 3***

A Participante 3, de gênero feminino, escolheu um tema de vida genérico: “rumos dos relacionamentos amorosos”. A partir disso, relatou que era a única área de sua vida em que não conseguia se realizar e ser feliz. A primeira carta sorteada foi 31. I:

Carta 31. I, San Giorgio Maggiore no crepúsculo, de Claude Monet.



A História (H) contada a partir da carta é: “havia um dia de verão, com sol iluminando e aquecia as águas, trazendo beleza. Havia um castelo com uma torre. No alto da torre era frio”. As emoções e palavras-chave (EPCH) destacadas foram: “beleza, calor, iluminação, frieza, arquitetura, estrutura”. O título (T): “Sol que ilumina as águas”. Personagens (P): “1) Águas profundas, 2) Sol que aquece e 3) Torre fria”. Desfecho (D): “No alto da torre era frio”. O Símbolo (S) escolhido foi: “Farol”, cujo significado amplificado levou à ideia de orientação e “guia no grande oceano da vida”. A Fase Alquímica (FA) indicada na Carta é Solutio, com a frase: “dissolver as mágoas e deixar fluir”. Na Relação com Tema de Vida (RTV), a Participante 6 reconheceu que, assim como o alto da torre, ela não permite que o calor afetivo chegue aos seus relacionamentos de forma plena. Apontou que a sua racionalidade a protege, trazendo rigidez, pois ela já teria vivido decepções profundas. E que, assim como a Carta mostrava o excesso de águas, ela tinha muitas emoções.

Já a segunda Carta sorteada foi a 9. ZS, uma carta de Zona de Sombra,

que traz elementos ligados a pesadelos e aspectos mais sombrios da psique. A Carta 9. ZS traz, conforme imagem a seguir, um relato de descida a um vale perto do Parque do Ibirapuera, tomado pelo tráfico e uso de drogas.

Carta 9. ZS

9 "Eu estava indo na Cracolândia. Ficava num vale perto do Ibirapuera. Eu estava me passando por um usuário para delatar à polícia quem eram os traficantes. Subi numa sala, onde o chefe do tráfico fazia anotações. O prédio tinha uma escada que fazia um barulho 'tec tec. O ambiente era escuro, deplorável. Parecia um inferno. Na volta, levei jornalistas que iam gravar a vida na Cracolândia. E os usuários acharam estranho, porque eu tinha cara de usuário mas os outros não. Identificaram alguns e mataram, mas não associaram comigo. Fiquei com medo de ser descoberto e desci dois lances de escada. Na saída, a pessoa que estava do meu lado era eu mesmo, mas eu era um usuário de crack gay e disse: "ainda bem que deu tudo certo". Saí da Cracolândia e ia voltar para casa. Era um vale com arquitetura europeia. As pessoas da equipe do documentário estavam com medo. Eu ia pegar uma condução perto do parque do Ibirapuera. Fui para esquerda e elas para direita (Relato adaptado de trabalho clínico).

As Emoções e Palavras-Chave (EPCH) foram: “peso, abandono social, esperança, ajuda”. Os destaques foram: “queria ajudar, mas acaba se parecendo com um deles”, “desceu a escada para sobreviver”, “arquitetura europeia que lembra beleza e nobreza”, “Parque Ibirapuera como um ambiente gostoso”. Título (T): “Uma tentativa de resgate na Zona da Cracolândia”; Personagens (P): “narrador que tenta ajudar, mas acaba se parecendo com usuários, chefe do tráfico, jornalistas, usuário de crack gay”; Desfecho (D): “pega uma condução perto do Ibirapuera, ele vai para a esquerda, equipe vai para a direita”; Símbolo (S): “Ibirapuera”, que trouxe como amplificação a ideia de “moldar-se a realidades e pessoas em detrimento de si”, já que o significado de Ibirapuera trouxe a história do parque, que esteve ligada a uma imposição de

necessidades de urbanização. A Fase Alquímica (FA) foi: Mortificatio: “reconhecer o fim e fechar ciclos”. As análises trouxeram à tona a perda da mãe da Participante 3 **há vários anos, que culminou em situações familiares de degradação, tendo sua irmã se tornado dependente química. Segundo ela, esta situação trouxe sentimentos de abandono. Ao mesmo tempo**, ela reconheceu que muitas vezes tenta ajudar seus parceiros amorosos, mas acaba ao final se parecendo com eles e repetindo ciclos. Ela indicou ainda que “desce para sobreviver” muitas vezes nos relacionamentos e que acaba se moldando aos desejos dos parceiros em detrimento dos seus, e que mantém uma aparência europeia, ou seja, nobre, mas no fundo se sente muito mal.

A terceira e última Carta sorteada foi 17. I, uma carta de Imagem que reproduz o trabalho “Puer”, de Peter Birkhäuser, pintor suíço que atuou juntamente com Carl Gustav Jung, sendo seu analisado e também pintando imagens de sonhos de seus pacientes.

Carta 17. I: Puer, Peter Birkhäuser



História (H): “Havia um jovem rapaz que seguia sua jornada montado em seu fiel amigo que tem olhos brilhantes, de fogo. O cavalo tem a luz violeta em seu entorno, como se se conectasse com os astros, as estrelas. Esse animal estava se transformando, transmitia tranquilidade e seguia rumo à transformação”. Emoções e Palavras-Chave (EPCH): “harmonia, brilho, conexão, luz, transformação”. Título (T): “O homem e o animal rumo à transformação”. Personagens (P): “jovem rapaz e cavalo amigo fiel que seguia para a transformação”. Desfecho (D): “Seguindo rumo à transformação”. Símbolo (S): “cavalo”. A amplificação trouxe o centauro Quíron, curador ferido, que cura por meio das artes e da medicina. Trouxe também a dimensão dos seus desejos, que ela acredita que tem sido negligenciada. Fase Alquímica (FA): “Sublimatio, com a frase: elevar a consciência para enxergar outros pontos de vista”. Relação com Tema de Vida (RTV): as análises de relação com o tema de vida indicaram que a Participante 3 sente que está em processo de transformação, pois segundo ela, a psicoterapia a tem ajudado. Ela também indicou que sente que precisa integrar seu lado “animal” com seu lado “humano”.

A Síntese Interpretativa trouxe alguns elementos que destacamos: T: “Sol que ilumina as águas pode contribuir para a tentativa de resgate na Cracolândia”. D: “Lá em cima (racionalidade) é frio, por isso preciso encontrar um caminho que contemple todas as minhas partes e integre meus desejos também”. S: “Para não continuar me moldando às outras pessoas, devo buscar integração entre o racional e o emocional”.

Após apresentar os dados da Participante 3 como exemplo, traremos as análises verticais, que mostram os dados de cada participante, já relacionados à cada categoria.

TABELA 1: ANÁLISE VERTICAL TEMÁTICA

CATEGORIA/ TEMA	NÚCLEO DE SENTIDO	UNIDADE DE REGISTRO
Feminino associado a Eros	Emoções, amor, relacionamentos, intuição, passionalidade, irracionalidade, afetos	PARTICIPANTE 1: Luta por amor. Solutio (dissolver mágoas). Tranquilidade e aconchego. Inquietação, receio. Desespero, angústia, esforço vão. PARTICIPANTE 2: Tristeza, vingança, moça cuida da filha. PARTICIPANTE 3: Excesso de água, muitas emoções, queria ajudar, dissolver as mágoas.

		<p>PARTICIPANTE 4: Feminino voraz. Raiva. Ursa marrom. Desejo. Cansaço. Angústia.</p> <p>PARTICIPANTE 5: Coragem, medo e solidão. Mãe sem ponderação. Lançar-se às profundezas do inconsciente. Emoções profundas, instáveis e intensas. Solutio: dissolver mágoas.</p> <p>PARTICIPANTE 6: Viajante escolhe descer; com coragem para o caminho profundo. Leveza.</p> <p>PARTICIPANTE 7: Colo, carinho, afeto, amor. Eu chorona e emotiva. Cuidado. Solutio: dissolver, misturar. Correnteza, fluxo.</p> <p>PARTICIPANTE 8: Amor, curiosidade, fascínio. Instintos. Raiva. Energia vital.</p>
Masculino associado a Logos	Razão, intelectualidade, praticidade, objetividade	<p>PARTICIPANTE 1: Cavaleiro em posição de defesa.</p> <p>PARTICIPANTE 2: Separatio: “é hora de tomar decisão de separar os caminhos e encerrar processos”.</p> <p>PARTICIPANTE 3: Torre: proteção/defesa das emoções, rigidez, racionalidade, frieza, arquitetura europeia, beleza, nobreza.</p> <p>PARTICIPANTE 4: Homem cartesiano que não reconhece outras vidas. Modelo cartesiano de pensar. Rigidez.</p> <p>PARTICIPANTE 5: Homem advogado.</p> <p>PARTICIPANTE 6: Deus Sol ligado à razão, pensamento e consciência. Escolha dos caminhos.</p> <p>PARTICIPANTE 7: Carro, pai cuidando do filho.</p>
Masculino associado à agressividade, competitividade e iniciativa	Masculinidades hegemônicas. Fase do desenvolvimento do animus: Tarzan.	<p>PARTICIPANTE 1: Cavaleiro em luta, movimento, ação.</p> <p>PARTICIPANTE 2: Pastores poderiam ter matado.</p> <p>PARTICIPANTE 3: Cavalo seguia rumo à transformação.</p> <p>PARTICIPANTE 4: Rapaz teimoso e determinado, persistente em busca de aprender a voar.</p> <p>PARTICIPANTE 5: Arcanjo Miguel: luta para matar o dragão.</p> <p>PARTICIPANTE 7: Avô racista.</p> <p>PARTICIPANTE 8: Agressividade do tubarão.</p>
Feminino associado à passividade, dependência e vulnerabilidade	“Mulheres que amam demais”. Anima identificado com “passivo”.	<p>PARTICIPANTE 1: Sente-se insuficiente para cuidar da mãe, vulnerabilidade, culpa. Parceria que causou dor.</p> <p>PARTICIPANTE 2: Dependência dos pais; medo de faltar dinheiro; precisa de cuidados e proteção para florescer. Moça ficou sem opção e teve que cuidar de sua filha nas ruas. Desamparo.</p> <p>PARTICIPANTE 3: Precisa do sol para aquecer suas águas. Molda-se aos outros em detrimento de si. Quería ajudar, mas sucumbe. Desejos negligenciados. Curador ferido.</p> <p>PARTICIPANTE 4: Parte que falta. Vazio. Nuvens e palácio: idealização.</p> <p>PARTICIPANTE 5: Urgência em salvar a menina e encaminhá-la para um casamento. Menina ameaçada. Mulheres escravizadas.</p> <p>PARTICIPANTE 6: Falta completude.</p> <p>PARTICIPANTE 7: Vulnerabilidade por conta do lugar de fala. Humilhação por ser pobre, medo, preocupação. Criança passando mal, precisando de cuidados.</p> <p>PARTICIPANTE 8: Fada frágil. Dimensão sacrificial.</p>
Mulher como potência geradora e criadora	Grande Mãe, Lua Cheia, Deméter, Pachamama,	<p>PARTICIPANTE 1: “Antecipo que terei condições de pisar num terreno firme”; Coagulatio: “saber o que quer para concretizar uma nova ideia”. Símbolo: criação: perspectiva de construir novos caminhos. Baleia: útero.</p>

IMAGENS DE FEMININO E MASCULINO PELO JOGO SÍMBOLOS DO INCONSCIENTE EM MULHERES LÍDERES DE CÍRCULOS SAGRADOS

		<p>PARTICIPANTE 2: Devolver aos pais o que é deles, assumir o controle sobre sua vida; ideia de resgatar e reconhecer a própria história. Assumir as contas.</p> <p>PARTICIPANTE 3: “Elevar a consciência para enxergar outros pontos de vista”; processo de transformação. Desceu pela escada para sobreviver.</p> <p>PARTICIPANTE 4: Ursa de fogo. Reconstrução das partes. Reconhecimento da identidade: “eu me lembro”. Caverna como útero, mãe geradora.</p> <p>PARTICIPANTE 5: Mulher que conduz e “puxa” a ação, mulher desbravadora. A menina vira mulher e descobre sua força no mundo; menina sai, enfrenta, reescreve e é feliz. Cobra: chamado para acessar o inconsciente e buscar novos caminhos.</p> <p>PARTICIPANTE 6: Escolhe descer para encontrar seu lugar no mundo. Peregrina na busca da essência.</p> <p>PARTICIPANTE 7: Mulher resgata essa força. Conexão com força interior.</p> <p>PARTICIPANTE 8: Aceitar perder o filho perfeito e aspectos imperfeitos. Aceitar agressividade e usá-la para defesa. Aceitar humanidade do filho e dela mesma em construção. “Vejo uma mulher se transformar, se energizar. sair da posição de vítima, transformar forma de viver a relação, resgatar força Mulher acordada pela deusa Bastet. “Tomar contato com meu lado mais agressivo, que sabe se defender”. Energia vital.</p>
Masculino associado à negligência e abandono	Boto Cor de Rosa	<p>PARTICIPANTE 2: Mulher fica sozinha e sem recursos para cuidar da filha.</p> <p>PARTICIPANTE 3: Abandono social.</p> <p>PARTICIPANTE 4: Homem não se lembra, não reconhece potência.</p> <p>PARTICIPANTE 5: Homem desconectado, deixa mulher sozinha no desafio. Homem que demora para acompanhar a parceira.</p>
Feminino associado à sororidade e solidariedade	Círculos	<p>PARTICIPANTE 1: Pessoa que confirma, valida e legítima visão da participante sobre os relacionamentos.</p> <p>PARTICIPANTE 3: Tenta ajudar, mesmo sem conseguir.</p> <p>PARTICIPANTE 4: Ela e a mãe se lembram e se ajudam na busca por identidade.</p> <p>PARTICIPANTE 5: Solidariedade com amiga negra.</p> <p>PARTICIPANTE 7: Irmãs, cumplicidade. Pertença.</p> <p>PARTICIPANTE 8: Mulher acordada pela deusa Bastet. Comunidade de fadas.</p>
Sagrado Feminino associado ao corpo e à natureza	Resgate de aspectos do corpo feminino como potência e conexão com a natureza	<p>PARTICIPANTE 1: Baleia: útero.</p> <p>PARTICIPANTE 3: Animal se transformando.</p> <p>PARTICIPANTE 4: Cuidado com o que come para não inflamar. Chakra cardíaco. Oriente: nascer do sol, da consciência. Dor no baixo ventre: feminino ferido.</p> <p>PARTICIPANTE 5: Retorno ao útero, preparo para uma nova vida.</p> <p>PARTICIPANTE 7: Árvores, cachorra chamada Amora, de Amor.</p> <p>PARTICIPANTE 8: Mulher gata. Mulher se transformando, energia dos chakras, humanização do tubarão e tubarização do humano. Animais: gata e tubarão. Árvore como moradia das meninas, proteção.</p>

<p>Espiritualidade</p>	<p>Espiritualidade, sagrado, religiosidade, propósito de vida, o numinoso na psique.</p>	<p>PARTICIPANTE 1: Número 12: símbolo do sacrifício espiritual (Arcano XII: Enforcado ou Pendurado), dos doze apóstolos (ações dependem de várias pessoas em parceria). Doze horas: ciclos e equilíbrio cósmico.</p> <p>PARTICIPANTE 2: Morte simbólica: momento de renascer na vida.</p> <p>PARTICIPANTE 3: Farol como guia para a vida. Transformação rumo à iluminação. Harmonia, brilho, conexão, luz, transformação.</p> <p>PARTICIPANTE 4: Número 3: divindade, espiritualidade, relação com o sagrado. Caverna como algo sagrado.</p> <p>PARTICIPANTE 5: Águia e Sublimatio: visão elevada, espiritual. Arcanjo Miguel: luta simbólica para vencer desafios na vida. Pirâmide: perspectiva de elevação espiritual. Tarefa cármica do casal: subida, esforço juntos. “Esse acontecimento teve marca inicial do destino”. “Preciso me abrir, ampliar a espiritualidade, voar”. A espiritualidade como resposta. Busca de novos horizontes espirituais; para se realizar, chave está na espiritualidade. Livro: “universo de possibilidades, conhecimento secreto. Profundidade”. “Lançar se às profundezas do inconsciente com coragem para encontrar a elevação espiritual”.</p> <p>PARTICIPANTE 6: “Uma pessoa em uma jornada em que pode escolher dois caminhos: um de aprofundamento, mais inconsciente, e outro caminho de subida, mais conhecido: profundidade ou ascensão. Ambos os caminhos são bons”. Peregrino em busca da essência. Lembrar de meus guias.</p> <p>PARTICIPANTE 7: Conectando-se com algo interior, de dentro dela. Espelho: olhando a si mesma.</p> <p>PARTICIPANTE 8: Algo mágico está acontecendo. Aproxima-se de um conhecimento profundo sobre as coisas da vida; Conhecimento superior que possibilita a humanização. Dimensão sacrificial. Mandala. Portal iluminado. Chamado para ser ponto de luz.</p>
<p>Coniunctio</p>	<p>Integração entre animus e anima e entre polos complementares. Casamento sagrado.</p>	<p>PARTICIPANTE 3: Integração de seu lado “animal” com seu lado “humano”, instintos e racionalidade.</p> <p>PARTICIPANTE 4: “Caminho que contemple todas as minhas partes e integre meus desejos também; integração entre o racional e o emocional; metade homem, metade Deus”.</p> <p>PARTICIPANTE 5: Esforço do casal para se desenvolver juntos e subir ao alto da cúpula.</p> <p>PARTICIPANTE 6: Caminhos de profundidade e de ascensão: ambos são bons. Número 2. Revisão de parcerias. Quatro casais. Claro e escuro. Conexão, união de dualidades, complementaridade, coisas que fazem sentido estarem juntas. Encarar com coragem a união do que não é óbvio.</p> <p>PARTICIPANTE 7: Integrar criança e mulher.</p> <p>PARTICIPANTE 8: Maior integração entre a Bastet e a mulher adormecida. Lado humano e lado animal (instintos). Nutrição como fonte de vida, de luz e de saciedade que nos capacita a integrar aspectos em nossa psique.</p>

Fonte: elaborado pelas autoras, 2024.

Na análise horizontal, na qual foram observados os resultados de todas as participantes conjuntamente, identificamos que todas trazem imagens que associam o feminino a Eros, ou seja emoções, afetos, conexões, vínculos, pontes. Já o masculino associado a Logos foi vivenciado no processo da quase todas as participantes, com exceção da 8. Já o masculino identificado com agressividade, competitividade e iniciativa foi experimentado na sessão com o jogo também por quase todas as participantes, exceto a Participante 6. O feminino associado à passividade, dependência e vulnerabilidade esteve presentes em imagens de todas as participantes.

Outra categoria em que todas as participantes conjuntamente, identificamos que todas trazem imagens que associam o feminino a Eros, ou seja emoções, afetos, conexões, vínculos, pontes. Já o masculino associado a Logos foi vivenciado no processo da quase todas as participantes, com exceção da 8. Já o masculino identificado com agressividade, competitividade e iniciativa foi experimentado na sessão com o jogo também por quase todas as participantes, exceto a Participante 6. O feminino associado à passividade, dependência e vulnerabilidade esteve presentes em imagens de todas as participantes.

Outra categoria em que todas as participantes apresentaram imagens foi da “Mulher como potência geradora e criadora”. Este ponto é importante, já que as mulheres líderes de Círculos Sagrados femininos lideram outras mulheres na busca de empoderamento e consciência sobre os próprios potenciais que envolvem novas configurações de olhares sobre o feminino. Mesmo que todas também tenham trazido imagens do feminino passivo, dependente e vulnerável, estiveram acompanhadas do caminho de elaboração destes aspectos pela via do empoderamento e resgate da potência criadora do feminino.

As participantes 1, 6, 7 e 8 não trouxeram imagens relativas ao masculino associado à negligência e abandono, tendo sido esta a categoria com menos participantes. No tema: feminino associado à sororidade, somente as participantes 1 e 6 não apresentaram imagens. Em relação à categoria do Sagrado Feminino associado ao corpo e à natureza, somente as participantes 2 e 6 não apresentaram imagens. Todas as participantes trouxeram imagens relativas à espiritualidade e ao numinoso. Somente

as participantes 1 e 2 não apresentaram imagens da categoria Coniunctio. Finalmente, as participantes 3, 4 e 5 apresentaram imagens que remeteram a todas as categorias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo tecemos articulações conceituais entre os Estudos de Gênero, as Epistemologias Feministas e a Psicologia Analítica no contexto dos Círculos Sagrados, dentre as quais destacamos as revisões epistemológicas dos conceitos de animus e anima em uma chave não binária e não essencialista e o uso dos conceitos a partir da importante compreensão de que seu conteúdo está em constante reformulação por meio das imagens arquetípicas e dos símbolos atualizados na cultura contemporânea.

A metodologia de nossa pesquisa apresentou um instrumento que começa a ser aplicado em contextos clínicos de terapia junguiana, o jogo Símbolos do Inconsciente, capaz de apresentar imagens arquetípicas. Em nosso caso, imagens ligadas ao feminino e masculino. As dez categorias selecionadas nas análises temáticas de imagens arquetípicas foram: 1) Feminino associado a Eros, 2) Masculino associado a Logos, 3) Masculino associado à agressividade, competitividade e iniciativa, 4) Feminino associado à passividade, dependência e vulnerabilidade, 5) Mulher como potência geradora e criadora, 6) Masculino associado à negligência e abandono, 7) Feminino associado à sororidade e solidariedade, 8) Sagrado Feminino associado ao corpo e à natureza, 9) Espiritualidade e imagens numinosas, 10) Coniunctio.

Os resultados apontaram que as participantes da pesquisa, oito mulheres líderes de outras mulheres em Círculos Sagrados, apresentaram imagens variadas sobre o feminino e o masculino, como Baleia (útero, reconhecendo o sagrado feminino associado ao corpo e a natureza e o feminino como potência de criação), comunidade de fadas (sororidade), deusa Bastet (despertar para poder e força da mulher), Torre (masculino como Logos: frio e racional), cachorra Amora (feminino como Eros: amor e cumplicidade), masculino que abandona (mulher nas ruas, sem dinheiro e com filha), pirâmide (elevação espiritual) Cavaleiro em luta (masculino agressivo, em disputa), entre outras. E embora todas as participantes tenham apresentado imagens

que remetem a um aspecto do feminino ligado à passividade, vulnerabilidade e dependência, em contrapartida todas trouxeram imagens da “Mulher como potência geradora e criadora”, o que combina com sua busca de empoderamento e consciência sobre os potenciais das mulheres, com novas configurações de gênero.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, A. B. de. **Feminino e Eros: o despertar da mulher**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curso de Psicologia Analítica, 2018.

BOFF, L. **São Francisco de Assis: ternura e vigor**. Petrópolis: Vozes, 1991.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRANDÃO, J. S. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRAUN, V., & CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 3(2), 77-101, 2006.

BRAUN, V., & CLARKE, V. **Successful qualitative research: A practical guide for beginners**. Los Angeles, CA: Sage, 2013.

BYINGTON, C. A. B. A alma masculina e a função estruturante da sensibilidade. Um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana. **Junguiana** v.37-2, 2002.

CORDOVIL, D. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. **Estudos Feministas**. v. 23, n. 2, mai.-ago., 2015, p. 431-449.

DE SÁ, R. N; DEOLA, T. Reflexões sobre a questão da personificação na teoria da contra-sexualidade de Jung e a androginia psíquica na contemporaneidade. **CES REVISTA**, v. 33, n. 1, 2019.

EDINGER, E. **O mistério da Coniunctio**: imagem alquímica da individuação. São Paulo: Paulus, 2008.

FAUR, M. **Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas**, 2ª edição, Pensamento, 2021.

FAURY, M. L. Fronteiras do Masculino e do Feminino ou a Androginia como Expressão. **Cadernos Pagu**, n. 5, 1995, p. 164-178.

FERNANDES, E. B. Morte ao patriarcado: fraternidade, irmandade, sororidade. **Cadernos Pagu**. 63, 2021.

FRANCO, C. D; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Sagrado não-binário: o conceito de psique andrógina na reformulação do debate de gênero no sagrado feminino **Mandrágora**, v.25, n. 2, 2019.

FRANCO, C. D. Inspirações das “mulheres de Lesbos”: A imaginação encarnada na defesa de direitos humanos de mulheres lésbicas nos círculos sagrados. In: **Psicologia Pós-Junguiana e os debates contemporâneos de gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Editora Atena, 2022a.

FRANCO, C. D. (org.). **Psicologia Pós-Junguiana e os debates contemporâneos de gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Editora Atena, 2022b.

FRANCO, C. D. Sagrado Feminino e Feminismo: duas vias de empoderamento. **Personare**, 2022c.

FRANCO, C. D. Imagens arquetípicas numinosas de uma mulher em metanoia: diálogos entre Psicologia Analítica e epistemologias feministas por um caminho autoetnográfico com o jogo Símbolos do Inconsciente. **Revista Mandrágora**. Vol. 30, n. 2, 2024a.

FRANCO, C. D. **O Livro do Jogo: Símbolos do Inconsciente**. Editora Ludens, 2024b. Disponível em: [www.simbolosdoinconsciente.com.br](http://www.simbolosdoinconsciente.com.br).

FRANCO, C. D; CIPRIANO, Maria Elayne da Silva; CANAL, Renata; DOMINGUES, Thiago. Apresentação do jogo terapêutico junguiano Símbolos do Inconsciente: uma nova técnica para a clínica e a pesquisa em Psicologia Analítica. In: FRANCO, Clarissa De. (org.). **Diálogos horizontais entre Ciência e Esoterismo na Psicologia Analítica**. Porto Alegre: Editora Atena, 2024.

FRANCO, C. D; FARIA, D. L. de; CIPRIANO, M. E. S; CANAL, R; DOMINGUES, T. Validação do jogo terapêutico Símbolos do Inconsciente entre terapeutas de abordagem junguiana: uma nova técnica para a clínica e a pesquisa em Psicologia Analítica. **Revista Interação em Psicologia**, 2025. No prelo.

HILLMAN, J. **Anima**: anatomia de uma noção personificada. São Paulo: Cultrix, 1985.

## IMAGENS DE FEMININO E MASCULINO PELO JOGO SÍMBOLOS DO INCONSCIENTE EM MULHERES LÍDERES DE CÍRCULOS SAGRADOS

- HILLMAN, J. **Psicologia Arquetípica**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- JACOBI, J. **Complexo, Arquétipo, Símbolo**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. Editora Nova Fronteira, 1963.
- JUNG, C. G. **A natureza da Psique**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- JUNG, C. G. Obras Completas. **O desenvolvimento da personalidade**. Vol. XVII. Petrópolis. Editora Vozes [1945] 1986.
- JUNG, C. G. **Fundamentos de Psicologia Analítica**. 9a ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2000.
- JUNG, C. G. **Mysterium coniunctionis: investigación sobre la separación y la unión de los opuestos anímicos en la alquimia**. Madrid: Trotta, 2003.
- JUNG, C. G. **Sobre o amor**. São Paulo: Idéias & Letras, 2005.
- JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- JUNG, C. G. **O Livro Vermelho. Liber Novus**. Edição de Sonu Shamdasani. Editora Vozes, 2013.
- JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- JUNG, C. G. **Aion – Estudo sobre o simbolismo do Si-Mesmo**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- JUNG, C. G. **Mysterium coniunctionis: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia**. vol. 1. Tradução de Valdemar do Amaral. 4a. edição. Petrópolis: RJ: Vozes, 2008b.
- JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- JUNG, C. G. **Estudos Alquímicos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011b.
- JUNG, C. G. **Psicologia e Religião**. Petrópolis: Vozes, 2012.

- JUNG, C. G. A mulher na Europa. In: JUNG, Carl Gustav. **Civilização em transição**. Petrópolis: Vozes, 2013b.
- MESQUITA, R. G; PAIVA, A. C. S. Os Círculos de Mulheres: Reelaborando um feminino natural, sagrado e cíclico. **Revista Temporis(ação)**, v 23, n 2, jul. a dez. 2023.
- PLATÃO. **O Banquete**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- RAMOS, L. M. A. Apontamentos sobre a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, **ETD**, Campinas, v.4, n.1, p.110-144, dez. 2002.
- ROWLAND, S. **Jung: uma revisão feminista**. Petrópolis: Vozes, 2024.
- SAMUELS, A. **A Psique Plural: Personalidade, Moralidade e o Pai**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- SICILIANO, B. A. A; SASSI, V. As relações entre Eros e Logos na civilização ocidental. **Memorial TCC – Caderno da Graduação** – 2021.
- SOUZA, L. K. de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, 71 (2): 51-67, 2019.
- VON FRANZ, M. L. **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- VON FRANZ, M. L. “O Processo de Individuação” In: JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus símbolos**. 1978, p. 205-6
- YOUNG-EISENDRATH, P; DAWSON, T. **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.